

O orgulho do PT com a militância

por João Alexandre Lombardo
de São Paulo

O candidato do PT à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, disse ontem que caso seja eleito presidente da República este será o grande fato político deste final de século. A afirmação foi feita durante entrevista concedida à imprensa estrangeira na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo. Mais do que a chegada de um metalúrgico ao poder, Lula disse ser importante que se isso, se acontecer, será pela via pacífica.

Aos jornalistas estrangeiros Lula demonstrou a certeza de vitória, na primeira etapa da eleição. "Acho que nossa campanha é muito maior do que as pesquisas estão apontando", declarou, mostrando-se orgulhoso pelo trabalho que a militância petista está realizando. A mesma confiança na vitória foi manifestada domingo no comício de encerramento de sua campanha, na praça da Sé.

"Este não é um comício comum. E o primeiro comício do segundo turno", afirmou o candidato, para um público estimado em cerca de 200 mil pessoas pela Polícia Militar, conforme relato da repórter

Maria Luisa Teixeira. Segundo dados de sua assessoria, desde maio, quando começou a campanha, Lula participou de 140 comícios, levando às praças mais de 2 milhões de pessoas.

Para vencer esta primeira etapa da eleição, Luis Inácio Lula da Silva espera contar com a militância do PT. Amanhã, o partido pretende mobilizar 1 milhão de petistas para fiscalizar as seções eleitorais e fazer boca de urna, trabalho que a coordenação nacional prefere chamar de "esclarecimento de voto". Pelo trabalho da militância, na pichação de muros, Lula recebeu ontem o troféu "Porcolino", do Movimento de Revalorização do Cambuci, um bairro paulistano. "Se não houvesse pichações e militância ninguém conseguiria competir com a burguesia", justificou.

Os jornalistas estrangeiros perguntaram a Lula como, se for eleito, ele pretende governar com um Congresso onde provavelmente não terá maioria. "Precisamos negociar com a sociedade os projetos que forem levados ao Congresso", afirmou o candidato. Segundo ele, a atual composição do Legislativo é "reacionária" e o presidente eleito terá que conviver

com isso até as eleições parlamentares do ano que vem, quando o quadro poderá mudar.

O candidato do PT afirmou não ter interesse em adotar uma postura radical com relação aos militares. Ele, porém, disse estar disposto a "recontar a história do Brasil", tema que passa por 1964. Para Lula, a família do ex-deputado Rubens Paiva tem que saber o que aconteceu com ele. A morte dos três operários, na invasão da Companhia Siderúrgica Nacional, no ano passado, também precisa ser apurada, segundo o candidato. "Quem tem culpa precisa ser punido, conforme determina a Constituição", declarou Lula. Ele faz questão de frisar, porém, não estar dizendo que a instituição Forças Armadas é responsável por alguns fatos ocorridos no País.

A integração econômica e cultural dos países latino-americanos foi defendida pelo candidato petista. "Sonho com este continente funcionando um dia como um continente único de verdade", declarou. Para ele, além de uma política de trocas, os países latino-americanos deveriam realizar investimentos conjuntos na área de tecnologia, a

fim de fazer frente às grandes potências. Para isso, salientou não bastar apenas o empenho dos governos, mas também a mobilização das entidades sociais neste sentido.

Perguntado sobre como agirá com os sindicatos, caso seja eleito, o candidato prometeu maior liberdade a essas instituições. "Movimento sindical tem que ter autonomia com relação ao governo", afirmou. Ele prometeu criar uma equipe de especialistas, dentro do governo, para negociar a elaboração da política econômica com os trabalhadores. A suspensão do pagamento da dívida externa e a utilização do dinheiro que seria pago aos juros, nas áreas de pesquisas, tecnologia e em questões sociais, também foram defendidas pelo candidato.

Lula disse também que disciplinará o capital estrangeiro no País, para, por exemplo, controlar a remessa de lucros ao exterior. Criticou a formação de cartéis na indústria automobilística — a Autolatina — e acrescentou que, se eleito, não exigirá sacrifícios dos trabalhadores, mas "daqueles que enriqueceram nos últimos 30 anos".